

Modalidades de intervenção clínica em Gestalt-terapia

LILIAN MEYER FRAZÃO
KARINA OKAJIMA FUKUMITSU
[ORG.S.]



MODALIDADES DE INTERVENÇÃO CLÍNICA EM GESTALT-TERAPIA
Copyright © 2016 by autores
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Assistente editorial: **Michelle Neris**
Capa: **Buono Disegno**
Diagramação: **Crayon Editorial**
Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

Summus Editorial

Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7ª andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
Fax: (11) 3872-7476
<http://www.summus.com.br>
e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
Fax: (11) 3872-7476
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

Apresentação	7
<i>Lilian Meyer Frazão e Karina Okajima Fukumitsu</i>	
1 Psicoterapia dialógica	11
<i>Enila Chagas</i>	
2 O lugar do corpo e da corporeidade na Gestalt-terapia. . .	27
<i>Mônica Botelho Alvim</i>	
3 Psicoterapia com crianças	56
<i>Myrian Bove Fernandes</i>	
4 Trabalhando com adolescentes: (re)construindo o contato com o novo eu emergente.	83
<i>Rosana Zanella e Sheila Antony</i>	
5 O trabalho com idosos em Gestalt-terapia	110
<i>Jorgete de Almeida Botelho</i>	

6 Terapia de casal e de família: uma visão de campo 140

Teresinha Mello da Silveira

7 Abordagem gestáltica no trabalho com grupos 168

Selma Ciornai

**8 A Gestalt-terapia no PET-Saúde: uma experiência
em saúde pública 187**

Claudia Lins Cardoso

Apresentação

LILIAN MEYER FRAZÃO

KARINA OKAJIMA FUKUMITSU

A psicologia pode ser considerada uma área de conhecimento bastante nova, tendo se tornado profissão regulamentada no Brasil apenas em 1962 – de início, direcionada a atendimentos psicoterapêuticos.

Poucos anos antes, em 1951, a Gestalt-terapia surgiu nos Estados Unidos, com o lançamento do livro *Gestalt therapy*, de Perls, Hefferline e Goodman. Seu aparecimento se deu em meio a uma época de efervescência cultural e no seio dos movimentos de contracultura, focalizando quase exclusivamente o atendimento psicoterapêutico em consultório particular – formato no qual a abordagem chegou ao Brasil em 1974, por meio de uma colega paulista, Thérèse Tellegen, e de uma americana, Maureen Miller.

De lá para cá, a psicologia, de modo geral, e a Gestalt-terapia, em particular, muito evoluíram, ampliando de forma significativa seus campos de atuação.

O objetivo da **Coleção Gestalt-terapia: fundamentos e práticas** é oferecer à comunidade gestáltica (estudantes de Psicologia, especializando, profissionais da área) informações claras e organizadas para aprofundar e ampliar o saber gestáltico.

Neste quarto volume, visamos focalizar a prática clínica e suas especificidades aplicadas a diferentes grupos (crianças, adolescentes, casais e famílias, grupos e idosos), bem como à saúde pública.

Em virtude de sua relevância para qualquer contexto em que se aplique a abordagem, iniciamos esta obra com o capítulo de Enila Chagas sobre a psicoterapia dialógica – a qual, segundo a autora, está “[...] fundamentada na filosofia do *diálogo* [...] Esse termo não se refere à fala, como pode parecer: o nível mais profundo da existência humana é inerentemente relacional”, razão pela qual a relação é, por si só, respeitados os fundamentos da filosofia do diálogo, curativa. Enila discute algumas das importantes concepções da abordagem dialógica, como o conceito de confirmação – muitas vezes confundido com concordância quanto ao que a pessoa faz, quando na realidade se refere à confirmação de quem ela é.

No segundo capítulo, Mônica Botelho Alvim fala sobre o lugar do corpo e da corporeidade na Gestalt-terapia. Tomando por base as ideias de Merleau-Ponty, ela esclarece que o corpo “[...] não se limita à dimensão física ou material de um corpo biológico [...] considera [...] sua condição de organismo vivo com uma natureza que tende ao equilíbrio, se ajusta e comunga com outros organismos de tendências, por assim dizer, universais”.

No Capítulo 3, Myrian Bove Fernandes aborda o trabalho psicoterapêutico com crianças, que acontece sobretudo

por meio das brincadeiras infantis, a partir das quais os pequenos apresentam seus afetos, temores, conflitos e interesses. Myrian, pioneira na aplicação da Gestalt-terapia ao trabalho com crianças no Brasil e estudiosa do assunto, destaca temas como compreensão diagnóstica e indicação terapêutica, o processo terapêutico e suas especificidades e a questão do término da terapia com crianças.

No quarto capítulo, Rosana Zanella e Sheila Antony apresentam o trabalho com adolescentes, enfatizando dificuldades, questionamentos e conflitos que emergem nessa fase da vida, em que o jovem busca autonomia e liberdade, ansioso por constituir sua identidade. De acordo com as autoras, “o adolescente [...] amplia a capacidade de reflexão devido à crescente expansão da consciência, que lhe permite pensar a si mesmo e ao mundo humano-físico-social com indagações mais profundas e abstratas”.

O número de idosos no Brasil e no mundo vem crescendo de forma significativa nos últimos anos, tornando o atendimento dessa população – no consultório, em casa ou em instituições – cada vez mais necessário. No quinto capítulo deste volume, Jorgete de Almeida Botelho apresenta as especificidades desse trabalho na abordagem gestáltica, lançando seu olhar não apenas sobre as dificuldades inerentes a essa fase da existência, mas também sobre as possibilidades de experimentar uma vida mais saudável e prazerosa na velhice.

No Capítulo 6, Teresinha Mello da Silveira trata de um tema cada vez mais frequente em nossos consultórios: terapia de casal e de família. Utilizando a teoria de campo, a autora, estudiosa e precursora no Brasil do trabalho com casais e família, afirma:

A contemporaneidade, caracterizada por rápidas mudanças, instabilidade nos relacionamentos, multiplicidade de opções e desconstruções e reconstruções constantes, deixa marcas também no âmbito familiar. Além disso, na era da comunicação, os conflitos familiares são postos em evidência, destacando acontecimentos que antes eram vividos e resolvidos (ou não) entre quatro paredes.

Diferentemente do trabalho *em grupo* que Fritz Perls e outros gestaltistas da primeira geração realizavam, Selma Ciornai tece, no Capítulo 7, excelentes considerações sobre o trabalho *com grupos* na abordagem gestáltica. Este se baseia numa perspectiva sistêmica, em três níveis diferentes: intrapsíquico, inter-relacional e sistêmico, cabendo ao coordenador escolher o mais adequado para intervir a cada momento, bem como estabelecer pontes entre eles. Além disso, Selma oferece um panorama dos diversos estágios de um grupo, cada um deles demandando e implicando questões diferentes.

Por fim, no último capítulo, Claudia Lins Cardoso fala da aplicação da Gestalt-terapia na saúde pública, área que cada vez mais demanda psicólogos. No texto, Claudia aborda as possíveis articulações entre a saúde e a abordagem gestáltica, partindo de sua experiência como tutora no Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-Saúde), cujo objetivo é melhorar a formação de profissionais em saúde, mediante grupos de aprendizagem tutorial de natureza coletiva e interdisciplinar, capacitando-os a enfrentar as várias realidades de saúde da população brasileira.

Esperamos que este volume possa contribuir de forma significativa para a atuação dos Gestalt-terapeutas brasileiros nas mais diferentes áreas e populações, fomentando novas ideias.

1

Psicoterapia dialógica

ENILA CHAGAS

Grande parte da história das várias linhas de psicoterapia remete suas origens à filosofia que lhe deu base. Além da busca de fundamentação, há atualmente grande interesse na relação terapeuta/cliente e no processo que se desenrola entre os dois na terapia. Nesse sentido, a psicoterapia dialógica é muito rica, pois parte do princípio de que a própria relação “cura”. Friedman, no prefácio de *De pessoa a pessoa* (1995, p. 9), de Richard Hycner, assim a define:

Psicoterapia dialógica é, para nós, uma terapia centrada no *encontro* do terapeuta com seu cliente, ou a família, ambos como o módulo central de cura, seja qual for a análise, o *role playing*, as técnicas terapêuticas e atividades que possam estar sendo utilizadas. É mais uma abordagem que uma linha psicoterapêutica, porque não pertence a nenhuma escola específica, e cujos representantes e pioneiros encontram-se em muitas das maiores escolas de psicoterapia.

Neste capítulo pretendemos, ainda que de forma breve – diante das características e da importância da dialógica –, tratar de alguns de seus aspectos que influenciaram outras linhas de trabalho, principalmente a psicoterapia e, sobretudo, a Gestalt-terapia.

Trata-se de uma abordagem psicoterapêutica fundamentada na filosofia do *diálogo* – uma psicoterapia dialógica. Esse termo não se refere à fala, como pode parecer: o nível mais profundo da existência humana é inerentemente relacional. Trata-se de um contraste com diversas teorias que colocam, em primeiro lugar, um modelo individualista de pessoa e defendem a existência dos indivíduos como “entidades” separadas, enquanto o relacional é considerado um fenômeno secundário.

É difícil para o homem moderno aceitar que a “individualidade” é apenas um dos polos de uma realidade que, por natureza, é relacional. Por outro lado, em outros “sistemas”, como o usado na terapia de família, a teoria tende a obscurecer a singularidade do indivíduo. Em consequência, uma abordagem dialógica necessita de uma mudança radical de paradigma, afastando-se dos modelos do *self* psicologicamente isolado ou de teorias de “sistemas”. Entra, assim, no reino do “inter-humano”.

MARTIN BUBER: O PROFETA DO ENCONTRO

Ao estudarmos a psicoterapia dialógica, deparamos com uma proposta ampla, cujas raízes são encontradas na filosofia de Martin Buber, considerado um dos grandes filósofos do século XX. De família judaica, esse pensador, nascido na Áustria em 1878, tinha como tema principal o encontro entre pessoas